

“Ponte de Palavras”: Práticas de Hospitalidade Junto à População Refugiada em Tempos de Pandemia¹

Francisco Camolezi MELO²
Munira Sampaio de Almeida BARK³
Jully Ana Pereira MENDES⁴
Juliana de Medeiros SEHN⁵
Clarissa Cristina Marcelino FREIBERGER⁶
José Carlos FERNANDES⁷
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

“Refúgio” é uma ação do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), programa de extensão do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (Decom UFPR). Em 2021, o grupo se propôs a desenvolver estratégias de comunicação sensível (SODRÉ, 2006) junto a migrantes, refugiados e destinatários de ajuda humanitária residentes, ou de passagem, por Curitiba, capital do Paraná, e sua Região Metropolitana. Desenvolveu a atividade denominada “Ponte de palavras”, em parceria com o projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), também da UFPR. A proposta segue uma estratégia direta de relacionamento com o receptor: em meio às limitações impostas pela pandemia, os extensionistas promoveram tradicionais trocas de cartas com mulheres migrantes participantes do PBMIH (USHER, 2014). As destinatárias eram em sua maioria negras, pobres, informais, moradoras da periferia e sujeitas a um duplo distanciamento, o social e o territorial. A “Ponte” foi inspirada em uma ação organizada anteriormente pelo PBMIH, o “Entrelaços”, no qual refugiadas trocavam mensagens escritas entre si. Os resultados tinham sido positivos. Dessa vez, o cenário se mostrava mais sombrio – os encontros de sábado com os refugiados na UFPR estavam interrompidos e os relatos de insegurança alimentar entre grupos de haitianos, venezuelanos e africanos em geral se revelavam cada vez mais dramáticos. Cartas de caráter motivacional, incluídas nas cestas básicas

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Estudante de Jornalismo da UFPR e extensionista do Ncep, email: camolezi@ufpr.br

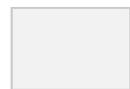
³ Estudante de Jornalismo da UFPR e extensionista do Ncep, email: munirabark@ufpr.pr

⁴ Estudante de Jornalismo da UFPR e extensionista do Ncep, email: jullyanapm@gmail.com

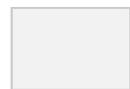
⁵ Estudante de Jornalismo da UFPR e extensionista do Ncep, email: juliana_sehn@hotmail.com

⁶ Estudante de Jornalismo da UFPR e extensionista do Ncep freibergerclarissa0@gmail.com

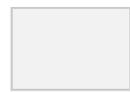
⁷ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da UFPR, email: zeca@ufpr.br



distribuídas mensalmente na UFPR, poderiam levar encorajamento e empoderamento junto dos alimentos – cuja distribuição, de caráter assistencial, se tornou um imperativo. Foram tomados certos cuidados – sabia-se de antemão que, por uma questão cultural, as “refugiadas” não responderiam a cartas enviadas por homens, de modo que a ação se consolidou como uma comunicação entre mulheres. Os “remetentes” extensionistas eram todas mulheres. A cada nova distribuição de cestas básicas, as integrantes do grupo “Refúgio” — a fim de gerar identificação e sensação de segurança – escreviam para as destinatárias. Entendeu-se que cartas físicas – com produção gráfica e textual dotada de atrativos que remetem ao gênero missivista – trariam lembranças do toque e do afeto, de modo a gerar conforto e confiança. Dentre as características do material, destacamos: 1) Textos personalizados; 2) Cada edição possuía um design diferente, produzidos por artistas variados e estudantes da UFPR; 3) Feita a diagramação e impressão, cartas eram embaladas e higienizadas. 4) Os produtos eram enviados via motoristas de aplicativo, para serem entregues junto à distribuição de cestas básicas, realizada pelo próprio PBMIH/Entrelaços. Por vezes, os missivistas do “Refúgio” não tiveram um retorno das destinatárias, o que se tornou uma fonte de frustração. Somente após alguns *feedbacks* positivos da coordenação do PBMIH, percebeu-se o alcance do projeto. As cartas encontraram ecos diferentes junto a cada uma das mulheres. Elas cruzaram as mensagens com suas próprias histórias. Foi um aprendizado de extensão, um exercício sobre como lidar com horizontes de expectativas variados, um modo de abrir diálogo mesmo no aparente silêncio (GONÇALVES, QUIMELLI, 2016). Paralelo, a ação consolidou os princípios da extensão – dialogicidade, impacto social, interdisciplinaridade, pesquisa... Com o intuito de fazer um recorte de gênero em meio à população “refugiada”, realizou-se uma entrevista em profundidade (DUARTE, 2005) com Victória Klepa (2022), psicóloga e co-coordenadora do Núcleo de Psicologia e Migração (Nupsim), do Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR). Victória, que é parceira do PBMIH, desenvolve pesquisas na área de migração e gênero. A pauta do encontro gravitou em torno das políticas públicas para migração desenvolvidas no âmbito do Governo do Paraná e da Prefeitura de Curitiba; e de questões culturais e subjetivas envolvendo mulheres migrantes. Entre as contribuições trazidas por Klepa, destacamos: 1) as particularidades na migração feminina — de acordo com a pesquisadora, na chamada “migração familiar” a mulher ainda era vista



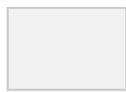
como coadjuvante do próprio fluxo de refúgio. Hoje, mulheres migram em maior grau de autonomia em relação a seus parceiros. Há implicações. 2) apesar da atuação do Conselho Estadual dos Direitos dos Refugiados, Migrantes e Apátridas (Cerma), não existem medidas que abarquem de forma efetiva questões de gênero na migração. Para Victória, o baixo engajamento das destinatárias na ação “Ponte de Palavras” pode ser justificado porque as cartas não representavam uma questão imediata quando comparadas às necessidades vitais, como alimento e trabalho. Muitas mulheres migrantes não deixaram de trabalhar durante a pandemia da Covid-19. Além disso, muitas das famílias que recebiam as cestas básicas tinham filhos, o que denuncia não apenas a dupla jornada de trabalho da mulher migrante, como às vezes tripla, com dois empregos, não raro informais, e as tarefas domésticas. De acordo com a 6.^a edição do relatório *Refúgio em números*, de 2021, do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) e do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), Curitiba está entre os grandes centro-urbanos da região Centro-Sul “nas quais se verifica a presença mais relevante de imigrantes e refugiados”. A capital paranaense também está entre as cidades da região que contam com a atuação de coletivos da população imigrante e refugiada com vínculos junto à prefeitura. Apesar dessa proximidade com o poder público, os dados sobre migração em Curitiba são escassos e de difícil acesso, problema acentuado pela alta mobilidade de alguns grupos, em especiais os haitianos – que se constituem, hoje, como um povo em diáspora. De acordo com a jornalista Amanda Yargas (2022), no estado do Paraná “mais de 45 mil migrantes estão registrados no CadÚnico, que atende famílias de baixa renda, e destes pouco mais de 54% são mulheres”. Das mulheres refugiadas registradas no CadÚnico, aproximadamente 5,5 mil estão na capital. Ainda, 263 mulheres refugiadas foram atendidas apenas no ano de 2022. Em 2021, foram 2.288, de acordo com o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). De acordo com o Conare, 432 solicitações de reconhecimentos da condição de refugiado no Brasil vieram por mulheres no Paraná, estando 47,45% delas dentro da faixa etária de 30 a 59 anos. Esse grupo se divide em 30 nacionalidades diferentes, sendo as mais comuns do Haiti (108 mulheres), da Venezuela (103 mulheres), da Síria (83 mulheres) e de Cuba (52 mulheres), respectivamente. A filosofia da hospitalidade (DERRIDA, 2003; 2015) é a supressão do ego – no sentido de inibição do exercício da alteridade. Para Marlusa da Rosa (2018), é a partir do sentimento de “pertencimento a



uma comunidade, de ‘estar com’ o outro, de ter seus saberes por ele reconhecidos e de também produzir conhecimento” que se dá forma e sentido à hospitalidade. A palavra, no entanto, representa uma contradição, uma vez “parasitada” pelo seu oposto, a hostilidade, afirma Derrida (2000, *apud* ROSA, 2018). Nesse sentido, o estrangeiro que não é convidado a se deslocar “se arrisca a ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou que o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade” (DERRIDA, 2003, p. 15). Para o filósofo, a primeira violência vivida pelo estrangeiro é a imposição da tradução da própria língua (2003, p. 15). Em relação aos relatos trazidos por Victória Klepa, nota-se uma possibilidade de comparação com Derrida. A psicóloga acompanhou o caso de uma migrante haitiana que, por desconhecer o procedimento pré-natal, de acesso gratuito e universal no Brasil por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), sofreu um aborto espontâneo. A problemática gira em torno do desconhecimento da mulher migrante em relação às políticas de saúde brasileiras, assim como das possibilidades de tratamento da gravidez na cultura local, o que de forma alguma pode ser entendido como um caso isolado, mas como uma política que falha ao adentrar, no campo da prática e do discurso, em populações migrantes. Em outra situação, uma migrante francófona, também vítima de aborto espontâneo, foi submetida a procedimentos de raspagem e curetagem para retirar o feto, sem que houvesse um diálogo que explicasse as motivações e métodos dessa intervenção: não havia ninguém capacitado na equipe para se comunicar com a migrante. De acordo com Victória, o sofrimento psíquico desta mulher não foi motivado pela perda do bebê, mas pelo caráter violento do atendimento que recebeu. Nas palavras de Alberto Acosta (2019, p. 198),

...é inaceitável que um grupo reduzido da população goze de um estilo de vida confortável enquanto o resto — a maioria — sofre para sustentar a opulência de um segmento privilegiado e opressor. Esta é a realidade do regime de desenvolvimento atual, uma realidade própria do sistema capitalista.

Nesse sentido, a condição da mulher migrante e refugiada se enquadra sistematicamente dentro da desigualdade social gerada pelo capitalismo. Prova disso é a ausência de garantia e acesso de mulheres migrantes a direitos básicos. Para Derrida (2003, p. 49),



...não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas, como também não há hospitalidade sem finitude, a soberania só pode ser exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto excluindo e praticando-se violência.

Aqui, percebe-se um conflito com os princípios da hospitalidade, ou seja, a ausência da alteridade radical. Se antes desconsiderar diferenças culturais e de linguagem no atendimento médico às mulheres migrantes e refugiadas classifica a reprodução da violência, agora, o estrangeiro questiona o funcionamento de práticas já consolidadas, como a troca de cartas, ressignificando processos e nos provocando novos horizontes, referências e teorias.

PALAVRAS-CHAVE: cartas; refugiadas; migração; extensão universitária; comunicação.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

CONARE. Projeto de cooperação para análise das decisões de refúgio no Brasil. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNTQ4MTU0NGItYzNkMi00M2MwLWFhZWMTMDBiM2I1NWVjMTY5IiwidCI6ImU1YzYzM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTBJLTY1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOj99>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

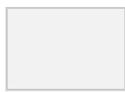
DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.^a ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GIACOMETTI, Simone. Acolhimento às mulheres refugiadas no Paraná. **CBN Curitiba**. Curitiba, 14 mar. 2022. Disponível em: <<https://cbncuritiba.com.br/materias/acolhimento-as-mulheres-refugiadas-no-parana/>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. QUIMELLI, Gisele Alves de Sá. **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: Ed. CRV, 2016.

KLEPA, Victória. **Entrevista a Clarissa Freiburger e Francisco Camolezi Melo**. Curitiba, 29 abr. 2022.



ROSA, Marluza da. Seleção e ingresso de estudantes refugiados no ensino superior brasileiro: a inserção linguística como condição de hospitalidade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, p. 1534-1551, Santa Maria (RS), 2018.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. **Refúgio em números**. 6.^a Edição. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

USHER, Shaun (org.). **Cartas extraordinárias**: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

YARGAS, Amanda. Mais de 5 mil mulheres refugiadas vivem em Curitiba. **Band News**, Curitiba, 15 mar. 2022. Disponível em: <<https://bandnewsfmc Curitiba.com/mulheres-refugiadas-enfrentam-preconceitos-e-violencias-no-pr/>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.